A DIMENSÃO DO URBANO E DO RURAL NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO DO MUNICÍPIO DE BARRA DO CHOÇA – BA

Altemar Amaral Rocha¹, Geisa Alves dos Santos²

1 Professor Doutor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB(altemarrocha@gmail.com) Vitória da Conquista-Bahia-Brasil

2 Graduanda da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Recebido em: 08/09/2015 – Aprovado em: 14/11/2015 – Publicado em: 01/12/2015
DOI: http://dx.doi.org/10.18677/Enciclopedia_Biosfera_2015_057

RESUMO

Nessa pesquisa, evidencia-se uma diferenciação no tocante a dimensão do urbano e do rural no espaço produtivo analisado, onde a cafeicultura predomina em larga escala. Nesse contexto os resultados obtidos no desenvolver da pesquisa permite um olhar diferenciado na interpretação das relações sociais materializadas em Barra do Choça-BA. Esta pesquisa aponta a dimensão do urbano nas pequenas cidades e em aglomerados populacionais das áreas rurais a partir da relação campo-cidade, tendo como base o desenrolar das relações produtivas nos diversos povoados e Vilas do Município de Barra do Choça-BA. A análise de aglomerados urbanos em pequenas cidades não é algo simples, pois as relações estabelecidas no contexto socioespacial, são complexas e diferenciadas. Neste sentido, foi feito um levantamento das condições de trabalho e das condições de moradia em alguns povoados do município, associando-se ao conjunto de informações, os dados do IBGE,2010, bem como um mapeamento detalhado dessas estruturas produtivas e dos aglomerados populacionais no município.

PALAVRAS-CHAVE: dimensão rural; dimensão urbana; produção do espaço.

THE DIMENSION OF URBAN AND THE PRODUCTION RELATIONS AT MUNICIPIO OF BARRA DO CHOÇA- BA

ABSTRACT

In this research, there is evidence of a differentiation regarding the size of the urban and rural in the analyzed productive space, where the coffee is predominant on a large scale. In this context the results obtained in the research development allows a different look in the interpretation of social relations materialized in Barra do Choça - BA. This research shows the scale of the city in small towns and settlements in rural areas from the rural-urban relationship, based on the development of productive relationships in the various towns and villages in the municipality of Barra do Choça –BA. The analysis of urban centers in small cities is not something simple, since the relations established in the socio-spatial context, they are complex and differentiated.

In this sense, it was done a survey of working conditions and living conditions in some county towns, associating the set of information, IBGE data, 2010 and a detailed mapping of these production structures and settlements in Municipio.

KEYWORDS: rural dimension; urban dimension; production of space.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o campo não é mais um espaço predominantemente rural. De forma semelhante, a cidade não é um espaço exclusivamente urbano, ou seja, nem tudo o que existe no campo é rural e nem tudo o que há na cidade é urbano. Isso pode ser constatado, a partir da análise da intensificação urbana nas últimas décadas. Não se pode negar que através da expansão do modo capitalista de produção, com a reestruturação das forças produtivas o espaço geográfico vem se remodelando, Para CANO (2008), a eclosão se deu no período pós-segunda guerra mundial, e mais precisamente no Brasil a partir da década de 1970.

Período este denominado pelo geógrafo MILTON SANTOS (1999) de meio técnico-científico-informacional, referente às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, de avanço da ciência e a tecnologia, junto com a informação como base da produção, da utilização e funcionamento do espaço. Essas transformações estão imbricadas ao espaço rural, ocorridas na forma de organização da produção e do trabalho na atividade produtiva agrícola a partir do processo de modernização da agricultura brasileira.

Segundo CARLOS (2007) é notório que a malha urbana tem se estendido na sociedade com o advento da lógica global, até mesmo em dimensões menores. Entretanto, aliado a estes fatores, emerge as disparidades sociais, uma vez que o processo de modernização e consequentemente a urbanização, não se distribui de forma homogênea pelo espaço rural brasileiro, atingindo, de forma efetiva, somente aquelas áreas mais capitalizadas onde já existia uma agricultura capitalista organizada.

Ao analisar as produções teóricas que envolvem a problemática rural e urbana, tanto na Geografia quanto em outras ciências percebe-se uma gama de variáveis passíveis da análise teórica. BISPO & MENDES (2010) apontam dois caminhos para melhor compreensão conceitual de rural e urbano a partir de duas perspectivas de análise: a normativa e a analítica.

A primeira análise baseia-se no decreto-lei 311 publicado em 1938 que estabelece: “as cidades (sedes de municípios) e as vilas (sedes de distritos) são urbanas e o restante do território é rural” (IBGE, 2010- Censo Demográfico). A segunda abordagem é a analítica fundamentada em dois indicativos do pensamento científico, no primeiro destaca-se o indicio do desaparecimento das sociedades rurais e consequentemente a sujeição desse espaço social à hegemonia da industrialização e da urbanização. Em contrapartida temos o segundo indicativo, “identifica as transformações profundas por que passa a modernidade, mas entende que o rural não se “perde” nesse processo, ao contrário, reafirma sua importância e particularidade” (BISPO & MENDES, 2010, p.1).

Para GARCIA (2010), na visão do IBGE, “o rural nada mais é do que aquilo que não é urbano, por simples exceção”. Neste contexto ressalta-se a necessidade de uma melhor definição do que é rural, ou seja, somente os dados normativos quantitativos do IBGE, “não expressa real e efetivamente o processo que tem

transcorrido no campo e nas cidades, no rural e no urbano ao longo das últimas décadas” (BISPO & MENDES, 2010, p.2).

Na última década no Brasil, tem-se gerado um intenso debate sobre o que deve ser entendido como urbano e rural. Sobretudo, a partir da publicação do livro “Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula” do Professor José Eli da Veiga. A proposta do livro de diferenciação estatística tem como ponto de partida uma análise formal. Esta por sua vez tem agradado a alguns (como os atores hegemônicos do capital e a mídia) e provocado críticas de pesquisadores tais como CARLOS (2004), ORTEGA (2002), e outros.

Os pesquisadores não se contentam com uma definição formal, que avança pouco em relação ao critério atual, definido pelo Decreto-Lei 311 de 1938, tão criticado por Veiga. Para os pesquisadores o autor critica o decreto, mas se baseia em outra definição estatística, a densidade demográfica. Entre outros temas o autor, questiona os índices de urbanização apontados pelo IBGE: um índice de urbanização para o Brasil de 82%. VEIGA (2002), critica a metodologia empregada pelo IBGE, chegando a afirmar de que o Brasil é menos urbano do que os dados apontados.

Entende-se que sua crítica ao IBGE tem fundamento, que deve ser repensada. No entanto, o seguimento de seu critério continua a ser meramente estatístico. Para VEIGA (2002), a delimitação de cidade e campo e consequentemente urbano e rural pode ser “medida” pela densidade demográfica. Para tanto, SOBARZO afirma (2010, p.53), “no fundo trata-se de abandonar um critério formal e adotar outro”.

CARLOS (2004, p. 130) contrapõe o formalismo de VEIGA (2002), destacando que “cidade e campo se diferenciam pelo conteúdo das relações sociais neles contidas e estas, ganham conteúdo em sua articulação com a construção da sociedade urbana”. A crítica de Carlos se estabelece por entender que Veiga, define o urbano e rural meramente por dados demográficos e estatísticos, sem levar em conta as relações sociais contidas nestes espaços. Assim a discursão de urbano e rural desloca da forma para o conteúdo, já que “urbano e rural longe de serem meras palavras são conceitos que reproduzem uma realidade social concreta (CARLOS, 2004, p.131)”.

Partindo das reflexões filosóficas de Henri Lefebvre, analisa-se que sua visão vai além de uma preocupação funcional ou estatística. Para uma aproximação do pensamento de Lefebvre, SOBARZO (2010, p.55) afirma que o primeiro passo é começar estabelecendo que o par “urbano\rural” não é o método mais adequado, nesse caso a análise deve ser feita a partir da relação cidade\campo.

Nesse caso, entende-se que cidade e campo eram tidos como antagônicos, no entanto a superação da divisão destes não deve ser confundida com a teoria do desaparecimento do campo. Uma vez que essa superação dicotômica, segundo Lefebvre está ligada as relações de produção.

Assim, “a superação da oposição não pode ser concebida como uma neutralização recíproca” (LEFEBVRE, 1991, p.69). Este não é um processo que o campo se perde no meio da cidade nem a cidade absorvendo o campo se perde nele. “Nesse sentido, urbano e rural permanecem como conteúdos sociais diferenciados “urbanidade” e “ruralidade”, mas a oposição cidade\campo atenua-se” (SOBARZO, 2010, p.55).

A partir dessa visão, SOBARZO (2010) afirma que é essa a mudança de forma e conteúdos que importa para Lefebvre, e é isso que modifica a maneira de

análise da cidade e do campo. Dessa forma, segundo CANDIOTTO & CORRÊA (2008) se adequar a urbanidade e ruralidade como método de caracterizar a identidade de uma população e consequentemente seu modo de vida imbricado nas relações sociais, como objetos e ações do espaço urbano ou rural,

RUA (2002) compreende que o rural, já não pode ser associado apenas às atividades agrícolas e que é preciso repensar a existência das atividades não agrícolas no campo. Em relação ao processo de urbanização, entende-se que a lógica urbana avança e chega ao campo, no entanto, esse processo não causa o fim do rural, mas proporciona, devido às inter-relações entre urbanidades e ruralidades, o aparecimento de novas ruralidades “desenham-se múltiplas espacialidades/territorialidades (híbridas de urbano e rural, numa integração multiescalar), que marcam o momento atual de (re) significação do rural e da natureza” (RUA, 2003, p. 54).

Nesse sentido, o tecido urbano avança no espaço rural, com isso uma nova configuração espacial. Nesse viés, CARLOS (2004) reafirma a constituição da sociedade urbana, sendo que esse processo não anula o campo, mas reconfigura este espaço pela ação de novas particularidades presentes neste território. Para Lefebvre o espaço urbano e o rural são concebidos como parte de uma totalidade que se forma na diversidade. Já RUA (2005, p. 50) afirma que o tecido urbano não designa de maneira restrita, o domínio edificado das cidades, mas o conjunto de manifestações do predomínio da cidade sobre o campo.

Tratando-se da manifestação do tecido urbano, esta por sua vez se estende mais visivelmente no campo, sendo que RUA (2005, p.51) fundamenta-se em Lefebvre para propor o conceito de urbanidade, “considera a urbanização ideológica como mais ampla e eficaz em relação à urbanização física”.

A dimensão do urbano no mundo moderno contemporâneo é um fato, a partir dos apontamentos teóricos de Milton Santos, segundo ele, a “tecnização” e “modernização” da agricultura, são aspectos que aproxima o campo da cidade. “Nas condições atuais do meio técnico-científico, os fatores de coesão entre a cidade e o campo se tornaram mais numerosos e fortes.” (SANTOS, 1996, p. 227).

Nesse contexto, SANTOS (1996) admite que as transformações sejam no campo ou na cidade, são decorrentes das forças hegemônicas capitalistas, “como um aspecto determinante do predomínio do meio técnico- científico-informacional aspecto predominante” (CANDIOTTO & CORRÊA, 2008, p.7).

Diante dessa realidade, com as mudanças que articulam o campo dentro da nova configuração espacial, CARLOS (2003) chama a atenção para as disparidades políticas, sociais e econômicas que a “gestação” da sociedade urbana produz, sendo esta uma realidade desigual. Assim IANNI (1996) atribui que o:

Desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo no mundo ocorre uma crescente e generalizada transformação das condições de vida e trabalho no mundo rural. [...] a tecnicização, maquinização e quimificação dos processos de trabalho e produção no mundo rural expressam o industrialismo e o urbanismo. (IANNI, 1996, p.16-17).

Conforme afirmação, IANNI (1996) se opõe a essa nova dinâmica espacial, ocasionada pela globalização e pelos atores do capital hegemônico. Ou seja, chega a tomar uma posição radical em relação à questão urbano-rural em tempos de globalização, ao “destacar a dissolução do mundo agrário e a incorporação

generalizada da urbanização como modo de vida”. (CANDIOTTO & CORRÊA, 2008, p.8).

Mediante ao processo de globalização, com o avanço capitalista percebe-se que as relações rural e urbana, atuam em uma nova dinâmica, ou seja, uma nova roupagem, novas formas com a difusão do meio técnico-científico-informacional proposto por Santos (1996), tanto no campo quanto na cidade.

Nesse sentido, tomam-se as contribuições de Denise Elias, para a nova dinâmica rural, onde a modernização globalizada faz surgir uma fusão nas relações produtivas atuais. Para ELIAS (2007) “é possível identificar várias áreas nas quais a urbanização se deve diretamente à consecução do agronegócio globalizado”. Para a autora a difusão da “agricultura científica” e do “agronegócio globalizados”, contribuem para expansão da urbanização.

Assim com a difusão dos processos supracitados, nota-se o crescimento de áreas urbanizadas no campo, que se modernizam em decorrência das atividades capitalistas globalizadas. “Tal fato colabora para o Brasil chegar ao século XXI com uma generalização do fenômeno da urbanização da sociedade e do território” (ELIAS, 2006, p.18).

Para tanto, SANTOS (1993) chama atenção para as mudanças ocorridas no cenário brasileiro, a partir da década de 80, o Brasil passou por uma revolução urbana com a expansão da modernização. Essa nova dinâmica espacial não se encaixa na divisão entre urbano e rural e sim propõe uma nova divisão.

Corroborando, para o aumento das disparidades sociais, bem como a inserção da modernização da sociedade através da urbanização, “a tecnicização do espaço rural e o maior interesse da sociedade urbana pelo rural aumentaram a heterogeneidade técnica e social desse espaço” (CANDIOTTO & CORRÊA, 2008, p.25).

Isso se deve a lógica de acumulação capitalista, afirmando que o aumento do interesse do capital pelo rural nos dias atuais se dá pela racionalidade hegemônica, conforme SANTOS (1996) e que a partir do crescimento das atividades não agrícolas no campo, bem como a modernização no período tido como globalização, “intensificam-se as relações e a interdependência entre o urbano e o rural, e, por conseguinte, as urbanidades e as ruralidades” (CANDIOTTO & CORRÊA, 2008, p.26).

Estes autores salientam ainda, que muito tem se discutido sobre a intensificação e a expansão da urbanização sobre o campo onde a predominância rural. No entanto, os debates a respeito do fenômeno urbano e a relação cidade-campo, geralmente, baseiam-se em abordagens centradas nos novos conteúdos e nas novas relações que vêm surgindo entre a cidade e o campo e especificamente no modo de vida rural. Contudo, isso não significa dizer que as reflexões expostas até aqui não reconheçam a permanência do rural tradicional, mas destaca-se que a maioria das pesquisas utiliza como objeto de análise o aparecimento das novas ruralidades, como, por exemplo, as agroindústrias, as segundas residências, o turismo rural, a pluriatividade, etc., provocados pela expansão do modo de vida e dos equipamentos urbanos sobre o campo.

Portanto, o foco das pesquisas sobre a relação rural e urbana cidade-campo está no campo, mais precisamente, na maneira como o campo e o rural têm se modificado devido à expansão do processo de urbanização. O rural vem se reconfigurando devido as transformações socioespaciais que se despontaram nas últimas décadas, desmistificando a ideia que associava rural, como um modo de

vida ultrapassado e o urbano como avançado. Essa análise toma-se como base, as modificações do cenário rural brasileiro, mediante a reestruturação das forças produtivas, bem como o advento da globalização, tendo esta como uma fase do modo de produção capitalista.

Este estudo se torna importante, para preencher as lacunas deixadas pelo poder público, referentes aos territórios de escala menor. Além disso, contribui para os estudos da atual sociedade na era capitalista, enfatizando as relações sociais estabelecidas no espaço e preferivelmente nos subespaços rurais, que não são reveladas nos dados quantitativos propostos pelos órgãos oficiais, especificamente o IBGE. Dessa forma, a classificação populacional e delimitação de áreas expostas pelos dados estatísticos, não expressam de forma efetiva as particularidades encontradas no rural, no atual período da globalização.

Busca-se com este estudo, trazer para a comunidade acadêmica uma contribuição aos estudos regionais na perspectiva rural e urbana, e também uma análise mesmo que previamente da dimensão do urbano em subespaços rurais, partindo da compreensão das transformações espaciais devido à revolução técnico-científico-informacional e os avanços capitalistas, bem como advertindo que esse processo de urbanização da sociedade se faz tanto física quanto ideológica.

Destaca-se também, a necessidade de compreender as relações de dependência e complementariedade do Povoado em questão com sua hinterlândia (esta referida às relações com a cidade e as localidades vizinhas), tendo-as como agentes contribuintes no processo da dimensão urbana.

Portanto, é um aporte para a população local e órgãos responsáveis, para que juntos possam conhecer melhor seu território, e os usos deste, bem como as alterações do lugar na qual estão inseridos que conseqüentemente modificam o modo de vida local.

A presente pesquisa teve como principal objetivo, analisar a dimensão urbana no meio rural a partir das relações que são estabelecidas no espaço produtivo. Diante disso, busca uma análise acerca da nova distribuição territorial, como se relaciona a cidade e o campo e ainda, como estão imbricadas hoje a ruralidade e urbanidade em Barra do Choça-BA. Investigam-se como estas relações transformam o espaço geográfico a partir da dimensão do urbano, enquanto forma e conteúdos das relações sociais.

MATERIAL E MÉTODOS

O Município de Barra do Choça fica localizado no território de Identidade de Vitória da Conquista-Bahia, com uma população estimada pelo IBGE (2015) de 34.853 habitantes.

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA

FIGURA 1- Território de Identidade Vitória da Conquista-Bahia

Fonte: elaborado por Altamar Amaral Rocha a partir dos dados da SEI/IBGE ,2013.

Para analisar a dimensão do urbano no espaço rural do município Barra do Choça, utilizou-se uma metodologia baseada na coleta de informações, mapeamento temático e estudo teórico das teorias que compõe o rural e o urbano. Foi realizada uma amostragem nos povoados de Santo Antonio I e II, Pé de Galinha, Barra Nova e no distrito Sede, entre 2013 e 2015. Foi feito um sequenciamento esquemático das diversas variáveis que compõe o estudo da urbanização associando a esse sequenciamento esquemático a relação campo-cidade como base para elucidar as questões teóricas e metodológicas da pesquisa.

Foi feito um mapeamento temático da intensidade de ocupação do território pela população rural, bem como um mapeamento temático da intensidade de ocupação do território pela população urbana. As informações que compõe o banco de dados desse mapeamento foram obtidas pelos trabalhos de campo realizados no município de Barra do Choça e pelos dados do censo do IBGE 2010.

Para o mapeamento temático foi realizada uma interpolação de informações cartográficas em softwares de geoprocessamento e SIG, que permitiu gerar um mapeamento sistemático e temático do município de algumas áreas específicas para a análise da dimensão urbana no município de Barra do Choça-BA. Foram produzidas bases territoriais em vetores e posteriormente o cruzamento de informações do banco de dados com tais bases para a geração dos mapas temáticos apresentados nos resultados e discussões. Além do mapeamento temático foram gerados gráficos e tabelas com os dados obtidos para a elucidação da temática proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo dos aspectos populacionais, sobretudo dos aspectos da população rural do Município de Barra do Choça é imprescindível para compreender a dimensão urbana e a dimensão rural que configuram o território e que produz o espaço.

Durante muito tempo desde o período em que a Barra do Choça era um povoado denominado Vila da Barra, distrito de Vitória da Conquista, possuía uma configuração urbana composta apenas por uma rua principal e duas ruas transversais, cuja população estava voltada para as atividades agrícolas de subsistência e com hábitos rurais. Houve um pequeno crescimento demográfico no distrito de Barra do Choça, entre os anos de 1940 a 1960, permanecendo uma população em sua maioria rural.

Na década de 1960 a estrutura urbana de Barra do Choça ainda era muito rudimentar com uma população que não ultrapassa 1000 habitantes, já em 1970 chega a 1445 habitantes em seu núcleo urbano, o crescimento populacional urbano só ocorre a partir dos anos de 1980. Essa tendência vem de 1962 quando Barra do Choça emancipou-se de Vitória da Conquista, nesse período a população era, na sua maior parte, rural. Os dados do Censo de 1970 apontam que 83,7% da população residiam na zona rural, e manteve predominando conforme a tabela 1, até os anos 2000, com 56,58%. Somente em 2010 é que a população urbana chega a 63% e ultrapassa a população rural.

De acordo com os Censos Demográficos do IBGE é possível verificar que existe um decréscimo da população rural no município de Barra do Choça nos últimos dez anos. O aumento da população residente nas zonas urbanas é crescente e a maioria mora na sede municipal. A Tabela 1 resume o quadro populacional do município de Barra do Choça, por situação domiciliar, entre 1970 e 2010.

TABELA 1 - População de Barra do Choça, por situação domiciliar de 1970 a 2010.

Situação do domicílio	Ano				
	1970	1980	1991	2000	2010
Total	8.904	20.524	24.844	40.818	34.788
Urbana	1.445	6.484	11.644	17.721	22.407
Rural	7.459	14.040	13.200	23.097	12.381

Fonte: Censos do IBGE - 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

A escala do urbano em Barra do Choça, se estende por diversos pontos do território municipal incluindo-se neste contexto os espaços produtivos dos distritos e povoados do Município, com isso, estabelece-se uma relação urbano-rural bastante imbricada, já que o urbano não está somente no sítio urbano da cidade propriamente dito. Veja o mapa da figura 2, nele é possível perceber as áreas de maior concentração populacional cujo modo de vida é o modo urbano, porém a estrutura produtiva é predominantemente rural já que mais de 70% dos habitantes dos distritos e povoados está diretamente ligado à produção agrícola e em especial a cafeicultura.

Verificam-se nos locais que circundam os povoados e Vilas, grandes alterações no processo produtivo do campo, já que na estrutura agrária da maioria dos centros produtivos houve diminuição da mão de obra ocupada, diminuindo a densidade demográfica dimensionada no território do município, passando a ter uma concentração nos núcleos urbanos dos povoados e vilas distritais. Veja o mapa da figura 2 essa é realidade que no município de Barra do Choça.

FIGURA 2- Escalas do urbano no espaço rural de Barra do Choça-BA.

Fonte: elaborado por Altamar Amaral Rocha a partir dos dados do Censo – IBGE 2010.

No contexto espacial, pode-se dizer que o município de Barra do Choça-BA, sofreu diversas alterações tanto do ponto de vista funcional quanto da estrutura e da forma já que o aglomerado populacional teve acréscimo do contingente populacional e mudança no modo de vida que passa a ter características do urbano tanto do processo organizacional quanto ao consumo que se assemelha aos ritmos das pequenas e médias cidades.

O mapa da figura 3 demonstra a escala de abrangência do espaço rural de Barra do Choça, com padrões espaciais definidos pela quantidade populacional inserida nas proximidades dos povoados que configuram o município percebe-se que o município de Barra do Choça absorve um contingente populacional rural relativamente denso nos arredores de cada localidade sobretudo próximo as vilas dos Distritos de Barra Nova, Cafezal, do Povoado de Pé de Galinha e Santo Antonio.

FIGURA 3- Abrangência do espaço rural em Barra do Choça-BA.

Fonte: elaborado por Altamar Amaral Rocha a partir dos dados do Censo – IBGE 2010.

Constata-se que a escala do urbano no espaço rural em cada Vilarejo é bem compactada no entorno da estrutura de ruas e casas que materializam-se numa espacialidade entre fazendas e rodovias de acesso. Essa estrutura é percebida em Barra Nova, Cafezal, Pé de Galinha, e no Povoado de Santo Antonio.

Pode-se dizer que existe integração funcional entre o rural e o urbano na medida que expande-se o uso do meio rural como local de produção mas também com o acesso a pequenos serviços que são oferecidos no local. Assim, o espaço rural do município de Barra do Choça torna-se também um espaço de consumo.

Outra questão é com relação ao adensamento de domicílios nos povoados e no cidade de Barra do Choça. De acordo com os dados do censo do IBGE (2010), tem-se no município de Barra do Choça, uma ascensão no numero de domicílios principalmente entre os anos 2000 e 2010, o que não reflete no numero de habitantes tabela 2.

TABELA 2 – Moradia em Barra do Choça, por situação domiciliar de 1970 a 2010.

Situação do domicílio	Ano				
	1970	1980	1991	2000	2010
Urbana	283	1.027	2.343	3.773	6.046
Rural	1.309	2.600	2.657	4.376	3.156

Fonte: Censos do IBGE - 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Percebe-se que houve inversão tanto no numero de domicílios urbanos quanto no numero de moradores em área urbana refletindo num adensamento desses domicílios em área urbana ou aglomerados populacionais dos povoados que compõe o município de Barra do Choça.

A abertura e venda de lotes para construção de moradias é uma realidade tanto na sede do município quanto nos distritos e povoados fazendo com o adensamento populacional, nos moldes do urbano seja mais intenso, configurando arruamentos no sistema urbano ortogonal. Na carta imagem da figura 4 a estrutura produtiva e a localização de alguns desses povoados.

A estrutura produtiva nas proximidades do povoado é composta basicamente por pequenas propriedades com a lavoura de feijão, milho e mandioca e grandes propriedades que predominam a cafeicultura aliado a criação de gado. A cafeicultura ganha força na década de 1970, alavancando a economia local.

Assim os grandes proprietários de terras passaram a investir na cafeicultura e foram se firmando no cenário cafeeiro nacional com uma base exportadora de grãos de café produzidos na localidade. Das 12.960 toneladas de café produzidas em 2013 no município de Barra do Choça, 15% foram produzidas no entorno dos Povoados de Santo Antônio I e II. Veja na figura 4, que as grandes propriedades estão localizadas próximo aos povoados. A inserção da cafeicultura provocou mudanças no contexto produtivo e por consequência na configuração do meio rural e do modo de vida dos trabalhadores. Já que se estabelecem novas relações e com isso ampliam-se as redes de influencia no cenário regional.

O comércio é um fator que contribui na economia local e a produção, o beneficiamento e a exportação do café continuam a ser a principal fonte de renda da população direta ou indiretamente ligada à cadeia produtiva da cafeicultura. Para

CORRÊA (1999), A sobrevivência dos pequenos núcleos, em razão dos serviços de que dispõem e da sociabilidade que viabilizam, é efetivada por meio de sua transformação funcional. Essa nova funcionalidade pode ser percebida nos núcleos urbanos de cada distrito e povoado de Barra do Choça, pois nesses núcleos urbanos, nos últimos anos, ocorreu uma transformação da funcionalidade de

FIGURA 4- Carta imagem com a estrutura produtiva do povoado de Santo Antônio-Barra do Choça-BA.

Fonte: elaborado por Altamar Amaral Rocha a partir da imagem Landsat7– 2011.

espaços produtivos para locais de concentração de força de trabalho para o campo circunvizinho.

Para CORREA (1999 p. 49), “o hábitat rural, disperso ou concentrado em “colônias” localizadas no interior de grandes propriedades, desaparece, sendo, de certa forma, recriado na periferia das pequenas cidades, ou ainda nos ‘aglomerados populacionais’ em pleno campo”. É o caso dos aglomerados populacionais existentes no Município de Barra do Choça.

CONCLUSÕES

Pode-se afirmar que a dimensão urbana em Barra do Choça-BA é uma realidade que se estrutura a cada ano. Pode-se afirmar também que existe uma escala do rural muito predominante no contexto socioespacial que abarca os setores produtivos e que reforça o debate acerca da abordagem urbano-rural e da relação campo cidade.

A interpretação urbano-rural, e da relação campo-cidade em seu debate teórico, aponta alguns caminhos. Um deles é o que MARX & ENGELS (1987) apontam. Para os autores, a “vida rural não é um outro modo de produção do capitalismo”, e sim relações de produção que antecedem o capitalismo e que de certa forma no contexto do mundo rural elas estão imbricadas de novos arranjos do mundo contemporâneo convivendo mutuamente e contraditoriamente nas proximidade dos adensamentos populacionais existentes no Brasil e em particular no município de Barra do Choça. Porém existe no horizonte uma tendência de reafirmação dos novos valores introjetados pela escalada do mundo urbano no campo e como consequência, amplia-se um processo de mudança presente nas relações rurais; processo este imposto pela inserção cada vez mais forte do capitalismo no rural, com isso, as forças produtivas a não mais permanecem plenamente rurais e os trabalhadores em sua maioria passam a exercer funções que só existem no urbano.

Neste sentido, a dimensão urbana da relação campo-cidade, materializa-se tanto no campo quanto na cidade já que o fator que universaliza é o modo de produção vigente, ou seja, o capitalismo. Constata-se que o município de Barra do Choça absorve uma mão de obra menos qualificada para o desenvolvimento da Cafeicultura em boa parte dos povoados e distritos analisados evidenciando-se com isso que de certa forma a cafeicultura contribui para a fixação desse contingente populacional próximo as áreas produtivas sobretudo no entorno dos povoados de Santo Antonio I e II, do distrito de Barra Nova dos povoados de Morrinhos e Pau-Brasil entre outros. Essa produção, porém não se converte para a melhoria das condições de vida da maioria dos habitantes do município que conta alto nível de desigualdades socioespaciais e econômicas.

REFERÊNCIAS

BISPO, C.; MENDES, E. **O rural e o urbano brasileiro: definições em debate.** ENG, Porto Alegre, 2010.

CANO W. **Desconcentração produtiva regional do Brasil (1970 – 2005).** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CARLOS, A.F.A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

_____. **“Seria o Brasil menos urbano do que se calcula? ”**, In: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.p.129-136.

CANDIOTTO, L.Z.P.; CORRÊA, W.K. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. In: Campo-território: **revista de geografia agrária**, v.3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008.

CORRÊA, R. L. globalização e reestruturação da rede urbana uma nota sobre as pequenas cidades. Rio de Janeiro: **Revista TERRITÓRIO**, ano IV, nº 6, jan./jun. 1999.

ELIAS D. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. R. **B. Estudos urbanos e regionais** v.9, n.1 / maio 2007.

_____. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98, v. X, n. 218 (03), agos/2006.

GARCIA A. F. **Rural e Urbano. Tentando entender as responsabilidades legais e definições**. ENG, Porto Alegre, 2010.

IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE. 2011, Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo.asp?o=7&i=P> Acesso em: 02 de abril de 2015.

_____. **Censo demográfico, séries temporais**: Rio de Janeiro: IBGE. 2011, disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010Serie.asp?o=2&i=P>, Acesso em: 02 de abril de 2015.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global editora e distribuidora. 1987.

RUA, J. **Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas**. In: MARAFON, G. J. ; RIBEIRO, M. F. (Org.). Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook , p. 27-42. 2002.

_____. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 45-66, 2005.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. **Hucitec**, São Paulo, 1996. (3ª edição: 1999)

_____. **A Urbanização Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1993, (4ª edição: 1998).

SOBARZO, O. **O urbano e o rural em Henri Lefebvre**. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITAKER, Arthur Magon (orgs). Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 53-64.

VEIGA, J.E.; **“Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula.**
São Paulo: Editora Autores Associados, Campinas, 2002